

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v14.n34.08>

Vidas sem fama, mortes infames: quando um migrante chega às mídias¹

Unfamed lives, infamous deaths: when a migrant hits the media

Eliane Righi de Andrade*

Resumo: Focando os estudos sobre migração, este artigo traz uma análise discursiva sobre narrativas do migrante Moïse, um refugiado congolês que foi assassinado brutalmente no Rio de Janeiro por um grupo de conhecidos no local em que trabalhava. As narrativas foram coletadas em diferentes mídias digitais após sua morte e trazem relatos de diferentes sujeitos sobre Moïse. Em seus depoimentos à polícia, os acusados relatam que Moïse era problemático, tentando desabonar sua conduta e justificar a barbárie. Tais dizeres apontam para representações estigmatizadas de Moïse, articuladas à intersecção de ser negro e migrante. Por outro lado, nos dizeres de amigos e familiares, Moïse é narrado como trabalhador e determinado, o que estabelece uma contradição no modo como o migrante é visibilizado e representado em nossa sociedade.

Palavras-chave: Identidades do Migrante. Estudos do Discurso. Narrativas na Mídia. Decolonialidade.

Abstract: Focusing on migration, this paper brings a discursive analysis of narratives about Moïse, a Congolese refugee who was violently murdered by a group of acquaintances in Rio de Janeiro, at the place where he used to work. These narratives were collected from different digital media after his death and bring accounts of different people about Moïse. In their statements to the police, for example, the defendants stated that Moïse had problems, trying to discredit his behavior and justify their brutality. Their utterances point to stigmatized representations of Moïse connected to the intersectionality of being black and migrant. On the other hand, in his family's and friends' reports, Moïse is narrated as a hardworking and determined person, which establishes a contradiction in the way the migrant is made visible and represented in our society.

Keywords: Migrant Identities. Discourse Studies. Media Narratives. Decoloniality.

¹ Parte deste trabalho foi apresentado no 13º CBLA, realizado em novembro de 2022.

* Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

Introdução: de onde falamos? Por que falamos?

Este não é um livro de história. [...] É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos. [...] O termo “notícia” me conviria bastante para designá-los, pela dupla referência que ele indica: a rapidez do relato e a realidade dos acontecimentos relatados. (FOUCAULT, 2003, p. 203).

Iniciamos este artigo partindo do pressuposto de que a língua(gem) se realiza nas práticas sociais e, dessa forma, possui intrínseca relação com a constituição das identidades. Em decorrência desse posicionamento teórico, a Linguística Aplicada (LA) de onde falamos não cabe no restrito espaço da disciplinaridade e convoca uma existência de diálogo com áreas diversas do conhecimento, principalmente com as ciências sociais, pois suas contribuições se dão também na forma de entender a constituição do sujeito que fala, do sujeito que está (ou não) inserido numa ordem do discurso. Ainda, considera sua imersão nas relações de poder e, conseqüentemente, coloca em evidência as desigualdades sociais e discursivas e as epistemologias consolidadas unilateralmente pelos grupos hegemônicos.

Neste estudo, que advém de uma pesquisa institucional realizada sobre identidades de minorias migrantes, colocamo-nos, assim, em posição crítica à compreensão de se conceber o conhecimento de forma única e igualmente distribuída, quando, na verdade, os sujeitos, agentes na produção de conhecimento, não estão numa relação de equidade social e discursiva. Assim, questionar as bases epistemológicas do conhecimento também é uma forma de produzir saberes em Linguística Aplicada, trazendo à discussão a possibilidade de uma LA indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), transgressiva (PENNYCOOK, 2006) e constituída na ecologia de saberes que extrapolam o pensamento

abissal (SANTOS, 2007, p. 71), caracterizado, segundo o autor, como um pensamento moderno ocidental que se quer único, por estabelecer:

[...] distinções invisíveis [...] por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o ‘deste lado da linha’ e o ‘do outro lado da linha’ Essas “distinções intensamente visíveis que estruturam a realidade social deste lado da linha se baseiam na invisibilidade das distinções entre este e o outro lado da linha (SANTOS, 2007, p. 72).

Em outras palavras, é por meio da invisibilização do outro – o qual é colocado em uma das margens, que é “apagada” – que o outro lado se torna hegemônico e, assim, único, pelo fato de o primeiro ser totalmente anulado. Dessa forma, advogamos um pensar híbrido em nossa pesquisa, tanto na teoria quanto na metodologia, como enfatiza Moita Lopes (2006), pois ali as fronteiras epistemológicas borram-se, tocam-se, questionam-se e produzem outras formas de conceber o conhecimento, fazendo aparecer outras perspectivas.

Também entendemos com Mignolo (2017) que se trata de investir numa perspectiva *pluriversal*, que seria a contraproposta à pretensa universalidade do pensamento científico ocidental, instaurado na modernidade, e que sempre deixou de lado a “lógica subjacente” da colonialidade que a sustenta. Assim, Mignolo (2017, p.2) alia o evento da modernidade ao da colonialidade, pois é a matriz colonial do poder que classifica a grande narrativa da civilização ocidental moderna, “esquecendo” da dominação, da exploração do outro colonizado, cujo “lado” foi invisibilizado nessa grande narrativa de matriz eurocêntrica (econômica, científica, religiosa, étnica) e hegemônica, em que predominam os “vencedores”, os “civilizado(re)s”, os ricos, os brancos, os cristãos.

É desse ponto de partida que questionamos a hegemonia naturalizada que também se dirige ao modo como olhamos para o migrante vulnerabilizado em qualquer nação. É ele que, ao entrar

em um país, é colocado do outro lado, do lado de fora da “Nação”, numa alusão ao imaginário nacional de uma unidade identitária. Ao migrante cabe o “lado” de fora da cultura e da língua nacional, o lugar da estranheza, do estrangeiro.

A partir dessa representação, percebemos que a visão totalizante de um só povo, de uma só língua, permeia o imaginário dos que habitam um espaço (país) idealmente unificado. Assim, o migrante não é só aquele que põe em xeque a unidade identitária imaginada, mas também aquele que “invade” um espaço que parecia ter um “dono” (o colonizador), dando a ele matizes diversas, outras paisagens humanas e culturais. Nesse espaço, materializa-se o medo, a aversão à diferença (étnica, religiosa, cultural, linguística, social, de gênero, entre outras), pois o migrante revela a estrangeiridade que também nos habita enquanto povo híbrido e miscigenado, mas que é silenciada pelo discurso da naturalização do ocidental branco e “puro” que nos foi imposta pela colonialidade, sem questionamento de nossas origens mestiças e diversas.

É desse “outro” que falaremos, porque dele tiramos a voz e, muitas vezes, a vida. Dele tiramos a possibilidade de (re)existência. Nesse artigo, tomamos a licença de falar da migração daqueles que chegam ao Brasil em situação de vulnerabilidade, por meio de narrativas sobre o refugiado congolês Moïse Mugenyi Kabagambe. Temos dele apenas algumas notícias, “um punhado de palavras” de uma existência breve, como diria Foucault (2003, p. 203), existência essa condicionada – como a da minoria que ele representa – ao tipo de hospitalidade/hostilidade (DERRIDA, 2000) que o Brasil lhe oferece.

Algumas noções teóricas com as quais dialogamos

Este artigo, que focaliza a relação desigual entre o migrante vulnerável e o brasileiro “nativo”, busca trazer alguns indícios das

identidades migrantes, nesse caso, por meio de narrativas de outros, já que Moïse, o migrante em destaque neste estudo, não pode mais falar por si e de si. Estabeleceremos a relação entre as representações construídas desse migrante em narrativas realizadas em diferentes mídias digitais, por pessoas da comunidade congoleza que conviviam com o jovem e as representações dos brasileiros que falam de Moïse, a maioria envolvida no crime. Por meio dessas narrativas, temos a construção desse sujeito, que foi vitimizado pela condição vulnerável em que vivia e que outros migrantes também vivem no Brasil, particularmente os negros, o que de fato justifica a particularidade do estudo dentro do grande tema migração. Ademais, consideramos, ainda, que a interseccionalidade (AKOTIRENE, 2018) entre migração e raça também se presentifica nesse caso, no que diz respeito ao acolhimento dos migrantes, evidenciada pelo fato de que os que estão em situação mais precária são, na maioria, negros ou descendentes de indígenas.

O termo interseccionalidade que Akotirene (2018, p. 13) traz de Crenshaw, remete à “maneira sensível de pensar a identidade e sua relação com o poder”, o que também não pode ser descartado na relação raça e migração. Para ilustrar essa constatação, trazemos o depoimento de Aline Thuller, coordenadora no atendimento a refugiados da Cáritas no Rio de Janeiro, dado ao repórter Briso (2016, s/p), no qual afirma que “os congolezes têm um perfil raro: a maioria possui curso superior ou pelo menos ensino médio. Mas, aqui, descobrem um país racista”³. É isso que o contador congolês Michel Kitambala desabafa, na mesma reportagem, ao dizer que “[u]m alemão formado em contabilidade” – que é também seu caso –, “quando vem para cá,

³ Fonte: BRISO, C. B. O sofrimento silencioso dos refugiados do Congo em Brás Pina. Extra Globo, 19 jun 2016. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/o-sofrimento-silencioso-dos-refugiados-do-congo-em-bras-de-pina-19538023.html>. Acesso em: 8 mar. 2022.

trabalha na sua área. Se for congolês, mandam lavar o chão.” (BRISO, 2016, s/p).

Apoiando-nos em Mignolo (2008, p. 243), percebemos mais uma vez que a lógica da colonialidade persiste na contemporaneidade e mantém, firmemente, “elementos fundamentais da matriz colonial de poder”, como o controle dos corpos no agenciamento da economia capitalista, que explora as massas humanas desprivilegiadas, condenando-as a um descarte humano. Esses aspectos retomam historicamente os processos de dominação e colonização sobre territórios invadidos e povos nativos, e esclarecem as raízes racistas e patriarcais das sociedades hegemônicas, que continuam subjugando o desfavorecido, o diferente, o que não pensa igual, aquele que não aceitou ser “salvo” pela civilização dominante – o que revela raízes também religiosas nesse jugo.

Nesse contexto, pensamos, ainda, na construção das identidades na relação com a discursividade, posto que somos pelo olhar do outro, pela forma como o outro nos constrói narrativamente. Usamos o termo identidade no plural, pois, como processo social em construção, as identidades estão sempre em transformação, amparadas nas formações discursivas que as validam, as reproduzem e que constituem um imaginário sobre elas, a partir do contexto histórico-social em que se inserem as relações de poder. Pensando nas identidades pelos estudos filosóficos, Appiah (2018, p. 18) afirma que elas funcionam como “rótulos”, determinando como as pessoas e grupos se veem e manifestam suas representações de outros. De alguma forma, o autor coloca em questão a formação das identidades na relação com as diferenças entre grupos, que podem antagonizar e estigmatizar os mais vulneráveis, cujas representações são menos legitimadas socialmente e culturalmente. Nesse aspecto, a identidade está sempre articulada à memória, posto que esta:

compreende crenças, saberes e valores coletivos relacionados aos sentidos partilhados e a partir da qual o discurso é construído e faz sentido para uma dada sociedade. Precedendo a interação verbal, essa memória mobiliza a relação entre o sujeito e seu entorno sócio-histórico e funciona cognitivamente na elaboração e interpretação dos discursos como um dispositivo de ordenamento do mundo “real”. (DIAS, 2016, p. 80).

Entendemos, assim, que um “já-dito” constitui nossos discursos: enunciados que já foram proferidos, mas que poderão ser efetuados em outras condições históricas de produção. Assim, tudo aquilo que já foi dito constrói a nossa memória discursiva. O interdiscurso – como chamamos na perspectiva da Análise do Discurso –, faz circular “formulações anteriores [...] em outros tempos e espaços, atrelando, assim, um “efeito de memória na atualidade de um acontecimento” (COURTINE, 2014, p. 104).

O discurso jornalístico trazido, nesse trabalho, pelos enunciados propalados nas e pelas diferentes mídias digitais, é um grande elemento formador das identidades e da memória discursiva, uma vez que ele extrapola a intenção de informar. Segundo Dias, há uma pluralidade de vozes nos jornais – que entendemos numa amplitude maior, considerando o mundo digital e a disseminação de informações na rede – que:

deixam entrever uma sabedoria coletiva, cuja transmissibilidade tem no jornal um operador. O jornal é um objeto cultural: tem valor como bem de consumo, mas também produz um efeito simbólico. O sentido da informação jornalística ultrapassa o teor do conteúdo, pois faz ecoar valores sociais que ela mobiliza e a partir dos quais chama a atenção para alguns acontecimentos e sujeitos (DIAS, 2016. p. 77).

Refletindo sobre os diversos meios e os discursos pelos quais as representações sociais são (re)produzidas e circulam, inferimos que certas imagens do migrante, particularmente do vulnerável, estão atreladas à memória social construída dele pelos brasileiros,

imagens hegemônicas compartilhadas que passam a ter um valor de verdade. Questionamos, então, esta estabilização de sentidos, para fazer emergir outros efeitos de sentido, pois sabemos que, ainda que a mídia tenha trazido vozes diversas para falar do sujeito congolês, não podemos perder de vista que, ao expor e reproduzir exaustivamente as imagens do acontecimento de seu assassinato, contribuiu também para espetacularizá-lo e, de certa forma – como aponta Courtine (2011, p. 150-151), ao discutir as fotos de tortura em Abu Graib – anestesiar o olhar do espectador, de modo a torná-lo mais distante do sofrimento do outro, tornando banal algo que não o é. Para nós o que conecta a tortura de Abu Graib ao assassinato do congolês é que, em ambos os casos, são os “estrangeiros”, os “de fora” que são torturados, indicando que há, em torno do outro, estrangeiro, um imaginário de hostilidade (DERRIDA, 2000). Parece-nos que aqueles que assumem a posição de colonizadores não se veem responsáveis pelos efeitos da globalização da miséria e da multiplicação dos grandes capitais para poucos, por meio da exploração dos ex-colonizados.

A violência exacerbada sobre um jovem negro refugiado nos faz pensar sobre o que Arendt (1999) descreveu como a banalização do mal. Recordamos de seu estudo, pois a defesa indefensável dos acusados do crime do congolês nos remete à frieza do nazista Eichmman, que não se sentia culpado pelos crimes dos quais foi executor, já que não achava que “fazia algo de errado”, ao cumprir ordens superiores do poder estatal.

A tortura e morte gratuitas de Moïse, no entanto, nos alertam para a violência que não é vista como violência, seja ela física, moral ou psicológica. Se, no Rio de Janeiro, os acusados não cumpriam o papel do Estado como alegara Eichmman (ARENDR, 1999) em seu depoimento, os assassinos aqui se sentiam no direito de aplicar um “corretivo” no rapaz, legitimando a violência como prática de uma

justiça paralela, feita com as próprias mãos, algo que traz à nossa memória um certo discurso de extermínio dos vulneráveis, pobres e necessitados em nome do benefício da maioria, que, na verdade, é hegemônica, mas não maioria. Assim, os espancadores viam em Moïse um sujeito de “segunda classe” ou, até mesmo, um “ser abjeto”, cuja existência, segundo Mbembe (2018, p.20), é “um atentado contra minha vida, [...] uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança”. O processo de desumanização causado pela organização administrativo-econômica do mundo ocidental facilitou “estereótipos racistas de classe” à medida em que comparou “‘o povo apátrida’ do mundo industrial aos ‘selvagens’ do mundo colonial” (MBEMBE, 2018, p. 21).

Mbembe (2018) confere aos mecanismos de funcionamento do necropoder ações de punição sobre o corpo vulnerável, daquele que tomamos como “inimigo”, trazendo para a contemporaneidade os dispositivos de tortura e terror medievais. Essa articulação do poder disciplinar e soberano nos parece presente na tortura realizada em Moïse: a necropolítica comandada, nesse caso, por aqueles que tentam fazer justiça pelas próprias mãos, talvez porque nela também não acreditem como instituição de garantia de direitos.

Trazemos para dialogar, com a temática da alteridade, um conceito de Butler (2011) que nos parece ressoar neste trabalho: a rostidade. Butler vai buscar em Levinas esse conceito. O autor relaciona a precariedade do outro a uma ameaça a nosso eu narcísico. O rosto seria o lugar que as palavras não conseguem apreender, mas onde as vivências estão impressas. Fugimos desse encontro ameaçador e desequilibrante de nossa pseudosubjetividade segura e unificada. O rosto marca, assim, “a extrema precariedade do outro” (BUTLER, 2011, p. 18), que não quero ver em mim mesmo. É assim que fujo do rosto do Outro (do estrangeiro, do negro, do pobre), que pode me

convocar para tomar a defesa dele, pois “[r]esponder ao rosto, entender seu significado quer dizer acordar para aquilo que é precário em outra vida ou, antes, àquilo que é precário à vida em si mesma (BUTLER, 2011, p. 19), portanto, à minha também. Aniquilar o outro em mim, “matá-lo” – de fato ou simbolicamente – seria, então, um modo de fugir à responsabilidade ética sobre o Outro e fugir à minha precariedade também. Infligindo a violência, os agressores do migrante lançam mão do argumento que o fazem “pelo bem de muitos”, quando na verdade utilizam-se dela para suprir seus próprios sentimentos agressivos e a própria violência simbólica e real que atravessam suas vidas também precárias e, muitas vezes, indigentes. Como atender, então, ao apelo do rosto do Outro? Melhor eliminá-lo, reduzi-lo a um não-sujeito, a um objeto abjeto.

Sobre o percurso metodológico

Como parte do *corpus* dessa pesquisa, coletamos reportagens sobre o assassinato de Moïse desde sua divulgação na mídia (29 de janeiro de 2022) até o dia 17 de março, quando a família, após desistir de administrar os dois quiosques onde ocorrera o crime (oferecidos pelo prefeito carioca), aceita um quiosque no Parque da Madureira, região em que grande parte da comunidade congolosa habita no Rio.

Fizemos primeiramente uma pesquisa tomando como palavras-chave os termos: “assassinato”, “Moïse Kabagambe”, “congolês”, “Tropicália” (nome do quiosque), “Rio de Janeiro”, e as combinações entre esses termos, tais como: “assassinato de congolês no Rio de Janeiro” e “assassinato de Moïse Kabagambe”. Chegamos, primeiramente, ao universo de 207.000 resultados pelo Google. Depois, fomos afunilando a busca até chegar a reportagens de grandes mídias, que hoje também operam digitalmente, tais como *O Estado de São Paulo*; *Correio Braziliense* e *O Globo*. Fizemos uma seleção também

no formato digital de revistas (*Isto É* e *Veja*, por exemplo) e ainda de hipermídias, tais como *BBC*, *UOL* e *G1*. Além dessas, acessamos produções em vídeo pelo *YouTube*, uma especificamente realizada pela TV aberta, exibida pela TV Record, no programa *Domingo Espetacular*, e uma reportagem do *SBT News*, com depoimento de amigos de Moïse.

Nosso objetivo era coletar material de diferentes mídias ao longo do desenrolar da elucidação dos fatos relacionados ao crime e perceber o olhar que elas foram dando aos acontecimentos e às pessoas envolvidas. Também desejávamos acessar, por meio delas, o relato (narrativa oral ou transcrita) de pessoas que conheciam e conviviam com Moïse (como mãe, amigos e parentes), além das pessoas que tinham contato com o jovem no trabalho e que o assassinaram no quiosque. Após uma seleção de 20 reportagens, trouxemos, para este artigo, alguns recortes que caracterizam basicamente dois olhares para o sujeito Moïse, que compartilharemos aqui para traçar algumas considerações de análise.

O trabalho é, pois, de natureza interpretativa e traz a Análise do Discurso francesa como dispositivo analítico, pois busca, nos recortes discursivos selecionados, trazer à tona a relação acontecimento (história) e materialidade linguística (língua) (PÊCHEUX, 1997), fazendo emergir em gestos de interpretação representações correntes de migrantes e brasileiros, as quais traçam efeitos de sentido sobre a relação entre esses grupos, denunciando também as imagens estabilizadas e generalizantes do brasileiro como um povo amigável, hospedeiro e cordial.

Quem foi Moïse? Identificações conflituosas do sujeito nas mídias

Pela pesquisa em várias mídias digitais, sabemos que Moïse Kabagambe era um congolês que residia no Brasil desde 2011. Vivia aqui como refugiado político com sua mãe, primo, tio e irmãos, estatuto concebido pelo governo brasileiro em 2014, pelo fato de seu país, a República Democrática do Congo, ex-colônia belga, viver uma guerra incansável entre grupos étnicos. Aqui chegando, ainda adolescente, estudou até o 2º. ano do ensino médio. Falante de português, francês, lingala e um pouco de inglês, nunca teve um emprego fixo. Ganhava por dia, sem nenhuma segurança trabalhista, trabalhando em quiosques na praia, na Barra da Tijuca, geralmente em época de grande movimento, segundo afirmou o dono de um dos quiosques.

Moïse seria, então, mais um migrante negro não famoso, anônimo, pobre, vivendo de bicos, se não fosse pelo fato de ter sido assassinado barbaramente a pauladas e golpes com um taco de beisebol, no local que costumava trabalhar, no dia 24 de janeiro de 2022. A família só soube do assassinato no dia seguinte. As mídias só reportaram o fato no dia 29 de janeiro, quando tiveram acesso ao ocorrido. Moïse apanhou de vários homens, foi amarrado, imobilizado e espancado até a morte. Todo o período de tortura foi filmado por câmeras do próprio quiosque e de um condomínio nas proximidades. Pelo menos cinco pessoas participaram do ato de agressão. Três foram presas temporariamente até o julgamento e outras pessoas estavam sendo investigadas pela participação no crime. Assombrosamente, após o covarde espancamento, o corpo abandonado de Moïse ficou estendido próximo aos quiosques até a madrugada, onde pessoas continuaram sendo atendidas. O movimento continuou normalmente, até a chegada do SAMU, chamado por um dos agressores, quando o jovem já estava morto. O corpo “ficou estendido no chão” até a madrugada.

Moïse não está aqui para nos dizer o que aconteceu. Por isso, como diria Foucault (2003, p. 210), poucas palavras são a ele destinadas, por seus algozes, de modo a “torná-lo(s) indigno(s) para sempre da memória dos homens”. Segundo os acusados, Moïse estaria transtornado naquele dia, bêbado (embora nenhum laudo técnico tenha comprovado), estava com problemas (que ninguém soube dizer quais!) e queria roubar bebidas do quiosque em que trabalhava. Tal imaginário se encaixa ao de um jovem vil, um “infame”, o que incide sobre as representações que se faz, muito comumente, de migrantes, negros e pobres. Justifica-se, discursivamente, o “castigo extremo” ao jovem por se “comportar mal” e a morte ser uma “fatalidade”, pois não foi intencional, embora a punição fosse “necessária” aos olhos dos criminosos.

A indagação que fazemos refere-se primeiramente a quantas mais “fatalidades” negros, pobres e estrangeiros estarão sujeitos. No caso dos migrantes, a lei que os normatiza e os legaliza no Brasil, de 2017, revelou-se mais “empática” do que a anterior. No entanto, pioraram as perspectivas de acolhimento no atual governo. Em dezembro de 2018, o Brasil foi signatário do Pacto Global para Migração Segura, Regular e Ordenada, juntamente com 163 nações. Esse pacto justamente propunha a reflexão sobre as questões migratórias num mundo dito globalizado. No entanto, nem um mês havia se passado e o governo do presidente Jair Bolsonaro retirou-se do acordo, alegando questões de “soberania nacional” (VILHENA, 2022).

Assim, continuam sendo usuais, infelizmente, reportagens na mídia sobre maus-tratos, pancadaria, exploração, estupro, acusação injusta e mortes, que envolvem migrantes venezuelanos, haitianos, entre outros⁴. O caso do assassinato de Moïse, portanto, foi mais

⁴ Para ler mais sobre violência a migrantes, sugerimos as reportagens de Ramalho (2019), no *Intercept*. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/11/28/violencia-xenofobia-venezuelanos-roraima/>; Henrique (2022), na *Folha de*

um, ainda que tenha mobilizado a atenção de uma parcela razoável da população brasileira pela sua crueldade e frieza. Tal ato nos faz lembrar outro ato de violência bárbara contra um negro também, mas brasileiro: João Alberto de Freitas, em loja do Carrefour, em Porto Alegre, ocorrido em 2020. Tais ações de violência não são isoladas e não representam uma exceção, principalmente quando pensamos nas pessoas negras. São quase que corriqueiras, “banais”, e constituem parte de uma história que se invisibiliza, quando se confronta com nosso passado colonial e escravagista. Assim, não há uma só história. Outras precisam ser contadas, do contrário, repetiremos a farsa da única e exclusiva metanarrativa universal. Ou seja, caímos no perigo de uma história única (ADICHIE, 2019).

Moïse por familiares e amigos: narrativas de um sujeito “normal”

Neste primeiro bloco de recortes, trazemos pessoas que conheciam Moïse ou, ao menos, tiveram empatia pela dor da família – como foi o caso do advogado da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), que passou a representar a família – e do coordenador do projeto A voz do Congo, grupo que reúne pessoas congolezas, como Moïse e os parentes.

Trazemos, inicialmente, dois recortes com depoimentos da mãe de Moïse, Ivana Lay, os quais foram dados a diferentes mídias jornalísticas: *G1* e *Extra*, respectivamente.

R1 – Ivana (mãe): A gente chegou aqui e os brasileiros sempre foram pessoas boas. Mas, hoje, não sei mais. Moïse trabalhou nessa barraca antes da pandemia e durante a pandemia. Conhecia todos lá

S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/02/venezuelano-e-morto-apos-briga-por-divida-de-r-100-na-grande-sp.shtml?origin=folha&loggedpaywall>; e Tomazela (2022), no *Estadão*. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,haitiano-inocente-e-solto-gracas-a-interprete-fa-de-lingua-pouco-usada,70004025917>. Acesso em 19 abr. 2022.

do local. Eles conheciam o meu filho e tiraram a vida dele. Se houve algum problema, eles não poderiam matá-lo. Moïse conhecia tudo na praia. Quando queriam alguma coisa, eles chamavam: “Angolano, angolano”.⁵

R2 – Ivana: Que vergonha! Meu filho que amava o Brasil. Por que eles mataram o meu filho? Moïse tinha todos os amigos brasileiros. Aí vêm os brasileiros e matam o meu filho. [...] Olha a foto do meu filho, meu bebezinho. Era um menino bom. Era um menino bom. Era um menino bom... Por quê? Por que ele era pretinho? Negro? Eles mataram o meu filho porque ele era negro, porque era africano. [...] Ele era trabalhador e muito honesto. Ganhava pouco, mas era dele. [...] E reclamava, dizendo que ganhava menos que os colegas. [...] Mataram ele como um bicho. [...] Eu vi na televisão que, aqui no Brasil, se um cachorro morrer, há várias manifestações. Então, eu quero que todo mundo me ajude com justiça.⁶

No primeiro recorte, percebemos que Ivana coloca os brasileiros como acolhedores (*peessoas boas*), com as quais seu filho se relacionava, ou seja, como alguém que se sentia pertencer ao grupo e que conhecia “tudo na praia”. No entanto, diz que hoje “não sabe mais”. Declara que as pessoas o chamavam quando queriam alguma coisa, mas logo percebemos o desconhecimento daquelas mesmas pessoas em relação à “identidade congoleza” de Moïse: elas o chamavam de “angolano”. Portanto, entendemos que o outro, brasileiro, se dirige ao estrangeiro, no caso, o congolês, como alguém de outro lugar qualquer,

⁵ Fonte: COELHO, H.; SATRIANO, N. Mãe de Moïse depõe, e advogado diz que há tentativa de ‘desqualificar’ o congolês. *G1 Globo*, 02 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/02/mae-de-moise-depoimento-delegacia-de-homicidios.ghtml>. Acesso em 20 mar. 2022.

⁶ Fonte: SOUZA, R. N. de. Caso Moïse: ‘Era uma facada no meu coração’, diz mãe de congolês morto em quiosque após ver o vídeo do crime. *Extra Globo*, 02 fev. 2022. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/caso-moise-era-uma-facada-no-meu-coracao-diz-mae-de-congoles-morto-em-quiisque-apos-ver-video-do-crime-rv1-1-25377357.html>. Acesso em: 18 abr. 2022.

fazendo-nos pensar que os brasileiros acham que todos os africanos são iguais, provavelmente pela definição da cor de sua pele.

No segundo recorte, Ivana faz, ela mesma, comparações entre o que fizeram com seu filho e o tratamento cruel dado a um “bicho”, mas que, ainda assim, não foi esse o tratamento dado a ele, pois quando matam um cachorro as pessoas se mobilizam. Relatando toda a crueldade das ações e se dirigindo ao filho morto com o diminutivo “pretinho”; ela pergunta então por que eles o mataram, o torturaram. A resposta vem em seguida, dada por ela mesma: a razão era por ele ser negro e africano, o que indica uma interseccionalidade entre raça e origem, o que o fez alvo de uma ação tão cruel. Num misto de indignação e tristeza, ela mostra as fotos do filho: um filho que tem “rosto” para ela; um filho que trabalhava, um filho querido para ela. Então, fala mais uma vez *pelo* filho, que reclamava que ganhava menos que os “colegas” (provavelmente brasileiros que também trabalhavam no quiosque como ele, mas que, ainda assim, ganhavam mais que o rapaz), o que revela a típica exploração a que os migrantes são submetidos.

Passando para o depoimento de um dos irmãos de Moïse, Samir Kabamgabe, dado à TV *Record* para o programa *Domingo Espetacular*, observamos muitas semelhanças entre os dizeres dele e de sua mãe, marcados pela desilusão e revolta.

R3 – Samir (irmão): O Brasil era tudo para mim/tudo para minha família/Hoje eu tô com medo de viver no Brasil/ eu tô com medo dos brasileiros// Tô com medo/ porque toda vez que eu lembro do que aconteceu com meu irmão/ eu penso que pode acontecer comigo também/ a qualquer momento (3:13-3:32)⁷

⁷ Fonte: REPORTAGEM da semana. *TV Record Domingo Espetacular*, 07 fev. 2022. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/domingo-espetacular/reportagem-da-semana/videos/conheca-a-historia-do-congoles-moise-kabagambe-morto-em-um-quiisque-no-rio-de-janeiro-07022022>. Acesso em: 06 fev. 2022.

A vergonha descrita pela mãe é transfigurada em medo por Samir, homem negro, migrante e jovem, o que o coloca como alvo de violência por parte de grupos criminosos e até mesmo da polícia. Afinal, o preconceito habita as margens. Samir, nesse momento, distancia-se do sentimento de pertencimento em relação aos brasileiros (o Brasil *era tudo*) e o deixa restrito ao passado. É interessante observar, no entanto, em relação a Samir, que um dia depois, ele se “retrata” parcialmente em relação ao que disse, em outra reportagem, dessa vez dada à Agência Brasil⁸, dizendo que “sabemos que essa ação que aconteceu com o meu irmão não veio do coração de todo o povo brasileiro [...] queremos agradecer a todos pela solidariedade”. Afinal, Samir continua a viver no Brasil, dependendo da “bondade” dos brasileiros para aceitá-lo e a sua família, mesmo depois do ocorrido. Seria essa, então, uma marca no discurso de subjugação à cultura do outro, às suas regras e às condições impostas ao migrante para continuar no Brasil? Provavelmente, sim.

Outros que conheciam Moïse sempre o retratam com características pessoais positivas e de ser trabalhador. Talvez isso seja reforçado nos dizeres como um modo de se fugir de um estereótipo historicamente atribuído aos negros no Brasil pela classe hegemônica, desde os primórdios da escravização. No dizer de um amigo do jovem, permeado por um discurso que ressoa uma certa religiosidade (*ganhar o pão de cada dia*), o trabalho (ou subtrabalho) é o que faz com que o Brasil acolha as pessoas migrantes, fazendo-as cumprir, no entanto, as obrigações de qualquer cidadão de direito (*a gente paga água, luz*). O cuidado e o tratamento dados a elas, porém, não são os mesmos, inclusive no que diz respeito à justiça. O depoimento foi colhido em

⁸ Fonte: GANDRA, A. Família de Moïse recebe concessão de quiosque onde congolês foi morto. *Agência Brasil*, 07 fev. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-02/familia-de-moise-recebe-concessao-de-quiisque-onde-congoles-foi-morto>. Acesso em: 03 mar 2022.

mídia digital (*Esquerda Diário*), mas foi dado primeiramente à rede SBT:

R4 – Amigo de Moïse: Ele é trabalhador, foi trabalhar, ganhar o pão de cada dia. Aqui no Brasil a gente paga aluguel, a gente paga luz, água... Ele foi trabalhar, e como que mataram ele!? [...] Ele trabalhava. A gente trabalha duro. Fugimos da África, para ser escolhido aqui... acolhido no Brasil... o Brasil é uma mãe, abraça todo mundo. Ai Brasil! é uma mãe, segunda casa, e como que vai matar o irmão trabalhando? Justiça, vai ter que ser feito!⁹ (0:10-0:22; 0:49-1:08)

Observamos que o rapaz reclama do “país que o acolheu”, mas que ele, por um lapso de linguagem, diz o “escolheu” (efeito de sentido que discutiremos no próximo recorte, por não se tratar propriamente de um acolhimento). Ele qualifica o Brasil como uma “segunda mãe”, o que destoa da raiz da palavra “pátria”, uma vez que a associamos, numa cadeia parafrástica, àquilo que se refere ao pai, no caso, o Brasil. Aqui percebemos a contradição da pátria que hospeda o migrante, o acolhe e, ao mesmo tempo, lhe é hostil, pois “o mata, mesmo trabalhando” para ela. Clamar por justiça é o que todos os amigos e familiares pedem; mas o que questionamos é se a justiça vale para todos, pois seria Moïse um cidadão de direito, mesmo tendo conquistado sua naturalização por seu status de fugitivo?

Primo de Moïse, Yannick Iluanga Kamanda, de 33 anos, narra a crueldade do crime à Revista *Isto É*, cujas imagens foram divulgadas exaustivamente pelas TVs, por meio das filmagens realizadas no quiosque onde houve o crime.

R5 – Yannick (primo de Moïse): Ele apanhava e as pessoas se revezavam para bater. Não satisfeitos, eles amarraram os braços e as

⁹ Fonte: “ELE é trabalhador, foi trabalhar, ganhar o pão de cada dia”, diz amigo de Moïse Kabamgabe. *SBT News*, 01 fev. 2022. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Ele-e-trabalhador-foi-trabalhar-ganhar-o-pao-de-cada-dia-diz-amigo-de-Moise-Kabamgabe>. Acesso em: 20 abr. 2022.

pernas dele e continuaram batendo. O meu primo ficou desacordado e mesmo assim eles espancavam ele. Só depois de um tempo, eles viram que ele estava desacordado e deixaram ele jogado na areia.¹⁰

Tal relato nos remete novamente à falta de empatia pelo Outro, à fuga da rostidade (Butler, 2011), aquela representação da alteridade que nos obrigaria a olhar para o “diferente” de nós mesmos e perceber nele a humanidade que compartilhamos. No entanto, contrariamente, o que percebemos na filmagem e nas palavras de Kamanda é que aquele “rosto” humano não foi algo com o qual houve uma identificação; longe disso, aquele “rosto” foi encarado como a simbolização do abjeto. Mais adiante na entrevista, Kamanda comenta o que pudemos também verificar nas filmagens: após a agressão e morte de Moïse, os funcionários continuaram a trabalhar e a servir. Dessa forma, concluímos que o jovem negro foi destituído de toda sua humanidade e seus agressores imputaram-lhe o valor de vida zoé (AGAMBEN, 2002), vida selvagem, nua, da qual se elimina a vida “qualificada e política”, segundo o filósofo.

O próximo recorte é de Prosper Dinganga, coordenador do projeto A voz do Congo, que deu uma entrevista à *ONG Conectas*, sobre o caso.

R6 – Dinganga: Como alguém que vive no país em situação de refúgio, sinto que a população brasileira precisa entender melhor a questão migratória. [...] Diferente de um imigrante, um refugiado não escolhe para onde vai. Ele vai para o país que lhe abre as portas. O Brasil me abriu as portas, então foi ele que me escolheu. [...] Eu saí

¹⁰ Fonte: RJ: Congolês é espancado até a morte em quiosque após cobrar pagamento. *Isto É*, 31 jan. 2022. Disponível em: <https://istoe.com.br/rj-congoles-e-espancado-ate-a-morte-em-quiisque-apos-cobrar-pagamento-atrasado/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

quebrado [*dos abusos que sofreu*], mas também saí fortalecido, com as ideias para continuar.¹¹

Dinganga sabe muito bem o que é ser (i)migrante no Brasil e das explorações e abusos que a população vulnerável sofre, principalmente a negra, como ele e Moïse. Vivendo no país desde 2013, afirma que tais humilhações lhe fizeram tornar-se mais forte. Dinganga é um exemplo da resiliência e também da resistência que faz com que os migrantes lutem por uma “igualdade” de direitos no Brasil. Isso porque, segundo o entrevistado, quando se é refugiado o país receptor é aquele que diz, de antemão, que o aceita no país. Dessa forma, ele deveria se comprometer a um acolhimento “sem condição”, como aponta Derrida (2000). No entanto, isso não acontece. Os migrantes, inclusive os refugiados, passam por situações em que cultura, etnia e língua diferentes são motivos de preconceito social e exclusão. As ocupações mais qualificadas não lhes são oferecidas, contribuindo para a reprodução de certos estigmas na sociedade branca hegemônica, associados à herança escravagista.

Para finalizar esta primeira parte da análise, trazemos trechos da fala do advogado da OAB, que assumiu o caso de Moïse:

R7 – Mondengo (advogado da família): Existe uma tentativa de transformar ele [*Moïse*] na pessoa que gerou o resultado da própria morte. Falar que ele estaria alcoolizado, que estaria alterado [...] Moïse trabalhava na região, por conta da diária baixíssima que recebia, de não ter direito trabalhista, dormia no trabalho para poder não pagar duas passagens de ônibus e poder chegar em casa com um pouco mais de dinheiro para sustentar a sua família.¹²

¹¹ Fonte: ENTREVISTA: a relação entre xenofobia e racismo na morte de Moïse Kabagambe. *Conectas*, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/entrevista-a-relacao-entre-xenofobia-e-racismo-na-morte-de-moise-kabagambe/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

¹² Fonte: MÃE de Moïse depõe, e advogado diz que há tentativa de ‘desqualificar’ o congolês. G1 Globo, 02 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/>

Nesse dizer, Mondengo aparece como uma voz que ratifica e legitima a situação vulnerável a que os migrantes, principalmente negros, têm de se submeter. As imagens negativas atribuídas ao jovem assassinado seriam uma forma de colocar em dúvida seu caráter, apesar de que, em todos os recortes de depoimentos trazidos até aqui, Moïse sempre aparece associado a imagens positivas, de um rapaz trabalhador, honesto e querido. Seria seu “mal” desejar ser respeitado pelo outro, brasileiro? Ter seus direitos acolhidos? A situação de sobrevivência a duras penas, recebendo menos que os outros, sem direitos trabalhistas, tornou Moïse alvo da “fatalidade” que atormenta a população pobre e precarizada. População que, mesmo durante a pandemia de COVID-19, teve de se expor à doença, ao excesso de trabalho, à precarização de condições de saúde para sobreviver. Moïse trabalhava para quem podia se dar ao luxo de ir à praia, quando muitos morriam, esperando uma vaga para tratamento num hospital público.

Assim, o advogado afirma que há uma tentativa de imputar à vítima a própria culpa do ato, invertendo a situação de forma escandalosa, a não ser que ser migrante, negro e pobre seja a justificativa para ser “assassinado” numa sociedade desigual e indiferente às necessidades alheias. Segundo o irmão de Moïse, ainda em reportagem dada ao *SBT*, “ele nunca foi de desistir quando está certo” e essa qualidade talvez tenha sido o “defeito” de Moïse: acreditar numa sociedade brasileira justa para todos e cobrar dela esses direitos.

Narrativas de uma existência abjeta: um a-sujeito relatado pelos brasileiros que o desqualificam como sujeito

Neste segundo bloco de recortes, procuramos trazer os dizeres daqueles que foram acusados pelo crime ou que estão sendo ouvidos

rio-de-janeiro/noticia/2022/02/02/mae-de-moise-depoimento-delegacia-de-homicidios.ghtml. Acesso em: 15 abr. 2022.

por causa dele, por serem testemunhas ou cúmplices da agressão. Os trechos foram colhidos de diferentes mídias digitais, de vídeos e ainda de trechos de depoimentos dados à polícia. Tivemos também acesso, por meio de uma das reportagens do G1, ao *link* do Instagram de um dos acusados e, nesse caso, foram transcritos os próprios dizeres do acusado, a partir da rede social. Tal fala foi reproduzida parcialmente em outras mídias.

Para contextualizar o primeiro recorte deste bloco, é preciso dizer que ele foi retirado do *Correio Brasiliense* e se refere à participação de Jailton, um dos acusados no crime, que foi captada pela câmera do próprio quiosque.

R8 – trechos do jornal sobre a participação de Jailton no crime: É possível ver, por exemplo, quando um homem puxa Moïse pelas pernas enquanto ele é espancado e, logo depois, leva embora o taco de beisebol usado como arma do crime. Em outro momento, Jailton Pereira Campos, funcionário do quiosque, aparece pegando bebidas no freezer enquanto peritos estão no local para examinar a cena, depois que o jovem já tinha sido dado como morto. [...] Jailton é um dos acusados pela morte do imigrante congolês. *Ele tinha dito à polícia que discutiu com Moïse porque a vítima tentou pegar bebidas no freezer do Tropicália*. Apesar disso, o vídeo das câmeras de segurança mostra Jailton com um pedaço de pau na mão antes do espancamento. Naquele momento, ele e o Moïse não entraram em luta corporal¹³ (grifo nosso).

Embora aqui tenhamos apenas o relato indireto sobre a cena do crime, a “materialidade” informada pela gravação da câmera do quiosque nos interessa para a análise porque ela indica que, mesmo

¹³ Fonte: GOTLIB, J. Quiosque seguiu vendendo bebidas após o assassinato de Moïse Kabagambe. *Correio Brasiliense*, 9 fev. 2022. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2022/02/4983941-quiosque-seguiu-vendendo-bebidas-apos-o-assassinato-de-moise-kabagambe.html>. Acesso em: 10 mar de 2022.

com o corpo sem vida do jovem, ao lado do quiosque, Jailton, participante do espancamento, continua a trabalhar como se nada tivesse acontecido. Ele pega cervejas no freezer, enquanto peritos examinam a cena. Moïse, que era conhecido do funcionário, foi agredido sem que Jailton demonstrasse nenhuma empatia por Moïse, sem considerar sua “rostidade”: o rapaz morto não é nada mais do que um objeto inanimado ao lado do quiosque; tanto para Jailton quanto para as pessoas que tomavam suas cervejas naquela noite, próximas ao Tropicália. Moïse é um ser classificado como abjeto e, como tal, “merece” as punições e a morte em decorrência delas: um sujeito cuja vida é totalmente desconsiderada (assim como a morte) (MBEMBE, 2018).

Jailton diz discutir com Moïse por causa de bebidas que ele tenta pegar, ou seja, justifica-se a barbárie, porque o rapaz estaria tentando roubar suprimentos do quiosque e os “homens sem lei” resolvem fazer “justiça” pelas próprias mãos. Trazendo à tona a memória discursiva que nos atravessa enquanto identidade e memória brasileiras, tais ações nos remetem a enunciados muito comumente proferidos pelo atual presidente do Brasil, que aconselha as pessoas que se defendam comprando armas (inclusive, de fogo) para se proteger daqueles que invadem sua casa.

Moïse é morto a pauladas e golpes, porque os assassinos resolveram “dar um corretivo nele”, o que nos remete ao fato de que as instituições não são capazes de garantir a segurança de ninguém, tampouco de um inocente desarmado como Moïse, que é negro, migrante e subempregado.

Aleson, outro acusado, trabalhava no quiosque Biruta, o qual ficava ao lado do Tropicália, lugar em que Moïse foi morto e onde o assassinado também fazia uns “bicos”. Dele trazemos recortes do depoimento que deu à polícia (R10 e R11) da mesma fonte, e também

da postagem em vídeo feita em seu próprio Instagram (R12), todos coletados do site G1, textos divulgados em duas datas diferentes.

R9 – Depoimento de Aleson à polícia: O congolês, segundo Aleson, recentemente havia saído do Tropicália para trabalhar no Biruta. [...] O garçom conta que, dias antes do crime, *notou que o congolês estava diferente, consumindo mais bebida alcóolica, falando palavrões, ameaçando pessoas de agressão e insistindo para que clientes e funcionários de quiosques lhe dessem cerveja*¹⁴ (grifos nossos).

R10 – Depoimento de Aleson à polícia: Ao ver que o imigrante estava imobilizado, segundo o depoimento, o agressor *“resolveu extravasar a raiva que estava sentindo; que ainda por conta da raiva que estava sentindo”*, pegou o *taco de beisebol* das mãos do vendedor de caipirinhas Fábio da Silva e o usou contra Moïse, *“que ainda estava se debatendo e resistindo à imobilização de outro funcionário de um quiosque vizinho”*. [...] Aleson também disse que sua participação no espancamento se limitou a agredir Moïse *“algumas vezes com a mão e com o taco de beisebol”* e que *não amarrou o congolês*¹⁵ (grifos nossos).

R11 – Aleson (em seu Instagram): Eu sou acusado da morte de um congolês na Barra da Tijuca/ vou deixar claro aqui que ninguém teve a intenção de tirar a vida dele/ e que eu fui fazer aquilo porque era negro ou porque devia a ele// *ele teve um problema com ciúme* [...] infelizmente aconteceu uma fatalidade dele perder a vida/ portanto/ que eu mesmo liguei pro SAMU/ *o rapaz tava envolvido.../o rapaz*

¹⁴ Fonte: TORRES, L; SPONCHIADO, B.; COELHO, H. À polícia, presos negam intenção de matar Moïse; um deles diz que agrediu para ‘extravasar a raiva’ porque ele estava ‘perturbando’. G1 Globo, 02 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/02/a-policia-presos-negam-intencao-de-matar-moise-um-deles-diz-que-agrediu-para-extravasar-a-raiva-porque-ele-estava-perturbando.ghtml>. Acesso em: 20 fev.2022.

¹⁵ Fonte: TORRES, L; SPONCHIADO, B.; COELHO, H. À polícia, presos negam intenção de matar Moïse; um deles diz que agrediu para ‘extravasar a raiva’ porque ele estava ‘perturbando’. G1 Globo, 02 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/02/a-policia-presos-negam-intencao-de-matar-moise-um-deles-diz-que-agrediu-para-extravasar-a-raiva-porque-ele-estava-perturbando.ghtml>. Acesso em: 20 fev.2022.

*também tava envolvido [...] tirar a vida porque ele era negro jamais/ porque ia tirar a vida dele que era de outro país/ entendeu?// eu vou pedir desculpa à família/ aos parentes.../ a nossa intenção não foi tirar a vida de ninguém*¹⁶ (grifos nossos).

Em todos os recortes que relatam ou reproduzem as falas de Aleson, percebemos que ele procura dar justificativas ao crime cometido. Em depoimento à polícia, Aleson diz que Moïse “teve um problema com um senhor do quiosque do lado, a gente foi defender o senhor e infelizmente aconteceu a fatalidade dele perder a vida”. No entanto, em seu relato no Instagram, do qual trazemos parte acima, ele se refere a um “problema com ciúme”. Ou seja, Aleson “se corrigiu”, provavelmente para tornar seu depoimento mais convincente e em acordo com o depoimento de outros acusados. No entanto, se considerarmos tanto seu depoimento à polícia ou o publicado em seu Instagram, ele se defende da acusação de preconceito ou xenofobia contra Moïse e fala que só defendeu o funcionário do outro quiosque, a quem se refere, educadamente, como “senhor”. Moïse teria “um problema com aquele senhor” (de ciúme?, segundo seu Instagram) e o problema foi resolvido com o espancamento até a morte do congolês – ato brutal e covarde que foi cometido por várias pessoas conjuntamente, sem possibilidade de revide por parte da vítima, imobilizada. Então, a que se refere o acusado quando afirma que foi uma “fatalidade” a morte do jovem? Fatalidade diz respeito a algo que não se pode evitar, no entanto, o crime poderia não ter acontecido, independentemente de ter havido um desentendimento entre os funcionários.

Não foi efetivamente uma “ação” do destino, mas algo provocado por alguns brasileiros a um jovem negro indefeso. E se o acusado

¹⁶ Fonte: TORRES, L. Homem assume participação na morte de congolês e se apresenta à polícia: ‘Ninguém queria tirar a vida dele’, diz em vídeo. G1 Globo, 01 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/01/homem-que-afirma-ter-participado-do-assassinato-de-moise-kabamgabe-se-apresenta-a-policia.ghtml>. Acesso em: 20 fev.2022.

afirma que “infelizmente” isso aconteceu, ou seja, a ação fatal da morte foi uma infelicidade, não é o que aponta uma outra fala sua em seu depoimento: “ao ver que o imigrante estava imobilizado [...] *resolveu extravasar a raiva que estava sentindo; que ainda por conta da raiva que estava sentindo*, pegou o *taco de baseball* das mãos do vendedor de caipirinhas Fábio da Silva e o usou contra Moïse”.

Nos trechos por nós grifados, observamos a violência gratuita e covarde que o agressor dirige ao congolês, completamente imobilizado no momento. Dessa forma, o acusado precisa justificar seus atos: ele notara que o congolês estava diferente, consumindo mais bebida alcóolica, falando palavrões, ameaçando pessoas de agressão e insistindo para que clientes e funcionários de quiosques lhe dessem cerveja. Ou seja, havia um conjunto de atitudes “perversas” de Moïse em relação ao seu comportamento social. Assim, constrói-se a representação de Moïse como a de um inimigo, um forasteiro, um arruaceiro; enfim, alguém que não deve fazer parte do convívio com o nosso povo “amigo” e cordial”. Essas imagens vão ao encontro do estigma dado a pessoas vulneráveis e “estrangeiros” que não respeitam as normas do país que os acolhe.

No entanto, o discurso de Aleson é cheio de contradições: Primeiro, ele disse que tinha havido uma discussão entre Moïse e o funcionário que atendia no Tropicália naquele momento. Depois, que se tratava de uma questão de ciúmes... Justifica, ainda, a conduta não confiável do rapaz, pois há tempos que estava “alterado”. Afirma, ainda, que vai se desculpar com a família do morto, porque não foi intencional a morte. Por outro lado, diz que extravasou sua raiva sobre alguém que estava completamente imobilizado e com o auxílio de um taco de beisebol. Mas – para sua “defesa” – não foi ele quem amarrou o congolês. Aliás, como um bom cidadão, chamou até o serviço de resgate, quando o rapaz já estava morto, o que deve contar a seu

favor, em sua defesa. Então, de onde vinha a raiva que ele despejava no rapaz? Será que, para ele, Moïse era um “estrangeiro folgado” por que teria ido cobrar os dias trabalhados e não pagos no quiosque vizinho, como afirmara a família em outra reportagem?

Enfim, a materialidade linguística articulada ao acontecimento nos remete a gestos de interpretação que questionam o que é tomado como “verdade”. Aleson quer que acreditem em sua verdade. Mas há outros olhares para os fatos que trazem à tona um outro “acontecimento”.

Passemos ao recorte referente a um trecho do depoimento de Brendon, o terceiro acusado, o qual, pela gravação, imobiliza Moïse com golpes marciais.

R12 – Brendon (em depoimento colhido por policial): [o acusado] nega que as agressões a Moise tenham cunho racistas ou xenofóbicos, como vem sendo propagado pela mídia e pela família da vítima, uma vez que esclarece ser “candomblecista, religião originária da África, usualmente praticada por negros [...] mesmo continente de origem da vítima deste procedimento e que, portanto, não tem “o menor preconceito contra negros e/ou estrangeiros”.¹⁷

Brendon, lutador de artes marciais, é o acusado que aplica um golpe conhecido como “mata-leão” em Moïse. Para justificar que não tem preconceitos contra negros ou estrangeiros, afirma ser membro do “candomblé”, religião de origem africana que, muitas vezes, é atacada e difamada por outras religiões majoritárias no Brasil. Assim, Brendon teria uma identificação forte com as pessoas de origem africana como Moïse, revelando pensamento do senso comum de que todos os africanos, sem diferenciação, são candomblecistas, o que serviria ao acusado como um “salvo conduto” de que não tinha nada contra

17 Fonte: DURAN, P.; ARAÚJO, T. Polícia do RJ vê assassinato de Moïse Kabagambe como “tragédia social. CNN Brasil, 08 fev. 2022 Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policia-do-rj-ve-assassinato-de-moise-kabagambe-como-tragedia-social/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

estrangeiros africanos. Brendon, assim como os outros acusados, porém, não revelou nenhum laço de empatia, não reconhecendo em Moïse a humanidade que escapou a seus olhos, uma vez que nele os criminosos brasileiros não “viram” um sujeito digno de uma existência, atribuindo-lhe o lugar de *a-sujeito*, ou seja, de não sujeito, bem como de assujeitamento ao outro, brasileiro.

Finalmente trazemos o excerto do depoimento dado à polícia por outro acusado, que foi divulgado pelo programa da TV *Record* já mencionado aqui.

R13 – Fábio (em parte do depoimento dado à polícia): Moïse chegou no quiosque completamente alterado e falou para o funcionário Jailton que estava com fome e queria beber cerveja e que não tinha dinheiro para pagar. Argumentou que viu Moïse tentar agredir o funcionário [Jailton] e saiu em defesa dele¹⁸ (6:58- 7:20)

Fábio, que também aparece nas filmagens da agressão, repete argumentos semelhantes aos dos outros acusados para torná-los “legítimos”, trazendo à memória o dito popular que uma mentira contada várias vezes pode se tornar uma verdade. Moïse é apresentado como alguém “violento” (*estava alterado e tentou agredir Jailton, o funcionário*) e, por isso, Fábio empatiza-se com a “dor” do funcionário. Isso não acontece, porém, em relação ao jovem agredido, que também era conhecido dele. Pelas filmagens, Moïse não agrediu nenhum dos agressores, mas foi morto covardemente. A tentativa, assim, de desabonar o caráter de Moïse é o que move a defesa de todos os acusados. Ou seja, Moïse merecera o castigo, o “corretivo”, como afirmaram, ainda que tenha sido grande demais.

18 Fonte: CONHEÇA a história do congolês morto. Domingo Espetacular TV Record, 07 fev. 2022. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/domingo-espetacular/reportagem-da-semana/videos/conheca-a-historia-do-congoles-moise-kabagambe-morto-em-um-quiisque-no-rio-de-janeiro-07022022>. Acesso em: 06 mar. 2022.

Como Moïse não está aqui para confrontar o que é dito sobre ele, acreditamos que essas representações precisam ser questionadas à luz de outros olhares, uma vez que elas indiciam sujeitos construídos por pré-conceitos e preconceitos, em conformidade, inclusive, com um discurso jurídico visando a defesa dos indefensáveis criminosos.

Considerações finais

Procuramos, neste artigo, focar discursivamente o acontecimento do assassinato brutal de Moïse Kabagambe, articulando representações que emergem no dizer de vários locutores sobre o rapaz e o evento, a partir da coletânea de vários depoimentos desses enunciadores nas mídias, os quais fazem parte de formações sociais e discursivas diferentes. Dessa forma, foi possível traçar um perfil do jovem migrante de formas diversas por meio dessas falas e questionar imagens estereotipadas, as quais, geralmente, indiciam preconceito contra a raça de Moïse (negra) e a situação de estrangeiro (migrante refugiado) no país.

O assassinato bárbaro de Moïse, embora tenha ressoado em mídias diversas que convergiram para um olhar de denúncia contra preconceitos que colocavam Moïse como um alvo fácil de ataque – o fato de ser negro, pobre e refugiado –, ainda é marcado por discursos “fatalistas”, ou seja, de que todos estão sujeitos a uma violência dessas, quando, na verdade, o estrangeiro é que precisa se submeter a condições mais severas de controle para se “hospedar” e viver no Brasil, como se a eles prestássemos um favor. Dessa forma, a resistência ou a não subjugação do “estrangeiro” ao outro, quando não se submete passivamente às situações precárias de trabalho e de vida, parece trazer um certo mal-estar ao brasileiro, que se sente mais cidadão, mais pleno de direitos do que qualquer migrante vulnerável (que depende da oferta de trabalho, do aceite do contrato de aluguel

do país receptor, entre outras condições). Parece-nos, então, que a “frase-chave” que Moïse usava, segundo o relato de sua mãe, *Je suis désolé* (algo como “me desculpe”), não bastava para tornar Moïse um migrante subalterno: era preciso se submeter totalmente às condições de hospitalidade do outro (brasileiro), mesmo que elas ferissem sua dignidade humana e fossem tão insuportáveis e hostis ao ponto de não lhe permitirem a própria existência e sobrevivência. O congolês foi mais um sujeito sem fama, cuja narrativa de uma vida “ordinária” apareceu nas mídias por conta da infâmia de sua morte. Infelizmente, Moïse teve sua vida nua e invisível tornada famosa só na morte ou, como diria Agamben (2002, p. 93), “sua vida humana [foi] exposta a uma matabilidade incondicionada, [que] vem a ser incluída na ordem política”.

Referências

ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Tradução Henrique Burigo, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AKOTIRENE, I. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro/ Pólen, 2019.

APPIAH, K. A. In SALLUM Jr., B. et al. (Org.). *Identidades*. São Paulo: EDUSP, 2018. p. 46-66.

ARENDT, H. *Eichmman em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRISO, C. B. O sofrimento silencioso dos refugiados do Congo em Brás Pina. *Extra Globo*, 19 jun 2016. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/o-sofrimento-silencioso-dos-refugiados-do-congo-em-bras-de-pina-19538023.html>. Acesso em: 8 mar. 2022.

BUTLER, J. Vida precária. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, 2011, n. 1, p. 13-33.

COURTINE, J-J. *Análise do discurso político*. São Paulo: Edufscar, 2014.

COURTINE, J-J. *Decifrar o corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

DERRIDA, J. Hospitality. *Angelaki*. Journal of the theoretical humanities v. 5 n. 3 Dec 2000. Taylor & Francis Ltd and the Editors of Angelaki, 2000, p. 3-18.

DIAS, D. L. Narrativas autobiográficas na mídia impressa. In: Machado, I. L.; Melo, M. S. M. (orgs.) *Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016. p. 71-88.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. *Ditos e Escritos IV*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MIGNOLO, W. D. Novas reflexões sobre a idéia da América Latina. *Caderno CRH*, Salvador, v. 21, n. 53, p. 239-252, maio/ago., 2008.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais obscuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, p. 1-17, jun. 2017.

MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. SP: Parábola, 2006.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal. *Novos Estudos CEBRAP* 79, p. 71-94, nov. 2009.

VILHENA, C. A. Moïse Kabagambe e as duas Tropicálias. ANPR (Associação Nacional dos Procuradores da República), 14 fev. 2022. Disponível em: <https://www.anpr.org.br/imprensa/artigos/26119->

moise-kabagambe-e-as-duas-tropicalias-direitos-humanos. Acesso em: 20 mar. 2022.

Recebido em: 12/07/2022
Aprovado em: 31/10/2022